Ano 2.º (2.ª fase) — Guimarães, 13 de Julho de 1919 — Numero 58

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor: AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empreza de **A Velha Guarda**

Redactor principal: JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—**RUA ELIAS GARCIA, 46** — *Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES*

PAZ NA POLÍTICA

A bemaventurança dos povos reside inevitavelmente na ausência de paixões sobreexcitantes de baixa intriga política. A semana que findou decorreu serenamente; constituido e apresentado o novo ministério com o seu programa de govêrno, todos se desinteressaram da *grande porca* nacional e se lançaram ao trabalho com afinco e fé, menos os ferro-viários que se amotinaram raivosamente. E nós puzemo-nos a pensar que ditoso país seria êste, dadas as suas condições boas, as suas riquezas naturais, os dotes e qualidades excelsas dos habitantes, se, pelo menos, na semana, 7 dias se desinteressassem da política. Nada de violentas questões. A vida seguia normalmente, ir-se-ia aos teatros, aos divertimentos, ir-se-ia para o trabalho bem com o espirito e com o similhante, sem pavores, nem rancores, nem sustos, nem ódios.

Esta semana foi o que sucedeu. Ninguem se importou com a política

Como ainda nada tivessem feito do programa, a multidão deixou tudo em paz e divertiu-se. O próprio parlamento foi duma *pacifiquez* espenda. Calculem os leitores que fenómeno na vida política portuguesa, o passar-se um dia em que no palácio de S. Bento, deputado algum fizesse o seu grande discurso. Foi o que sucedeu há dias. Uma sessão sem tropos, sem discursos, sem verborreia; uma sessão pacata, de trazer por casa, única nos anais parlamentares em que a fluencia palavrória vai tão bem com os *papagaios desrabados que representam o soberano povo*, como sarcásticamente diz «A República».

Mas se não se discutiu, nem palavrou em S. Bento, a vida portuguesa, vivendo de *palavras*, muitas *palavras*, não perdeu contudo com êsse rude golpe. Houve *palavras* em barda e tiros de mistura por outros sitios de não menos consideração e respeito. Os senhores grevistas são duma astúcia diabólica.

O português, para viver, precisa *palavras*, muito palavrório, discursos, tropos que lhe atafulhem as ideias.

Os comícios foram uma grande alavanca para o derrube da monarquia. O parlamento é o clássico palácio da verborreia nacional; ali se tem perdido 99 % das energias portuguesas, que tem passado o seu tempo a atirar palavras ao vento em vez de cavar batatas, de semear, de impulsionar indústrias, ou arrojar iniciativas. A conferência, a sessão solene, são pratos do agrado público. Há pouco, nesta ordem de ideias, criou-se um curso de *conferências militares*, aos soldados, sôbre assuntos patrióticos e alevantados.

Aos bravos soldados que regressaram da França, falou-se-lhes da Pátria, da História e da sua bravura. Cobriram-se duma chuva de palavras que os empolgou e perplexionou. A oficialidade bebeu *champagne*, comeu alguns doces e deu por bem empregadas algumas horas da tarde. Não sabemos se essa oficialidade pensou que muito ditoso deve ser um povo que anda com gaudio, conferências e taças de *champagne*, enquanto a vida é cara, se luta de morte pela causa da justiça e o luto é o fundo negro do tempo que passa.

O sr. Presidente da República, tem tambem sabido cumprir o seu lugar de representação interior e exterior. E já que não pode ir viajar a uma côrte estrangeira, apezar de marinheiro, mostra a sua representação exterior... exteriorizando o seu júbilo interior. Isto é, no seu cargo oficial ninguem como o actual Presidente da Republica era um melhor chefe de estado... com côrte e sem soberania autocrática.

Sua Ex.ª recebe aos domingos e outros dias determinados, no histórico palacete, entidades oficiais que o cumprimentam. Um dia a magistratura, outro dia a oficialidade, mais outro o professorado. Ele sorri, diz o seu pequeno discurso de agradecimento, as tais *palavras*, aperta cordeal e efusivamente as mãos, agradece aquela expontânea prova de consideração, mercê do *oficiosinho* que *convida* todas essas entidades para a praxe.

Em suma, do mal o menos.

Enquanto o povo sem pagar mais impostos nem contribuições, se entrega no intervá-lo dos crimes banais de tiros e facadas a deitar contas ao bacalhau a 860 e aos ovos a 480, os representantes maiores da sociedade portuguesa vão-se consumindo em palavras, paleios, conferências, etc.

Fala-se muito, obra-se pouco. E isto, que para os outros países, mais prático, seria uma causa de angústia, é para nós um bem. Os actos, cá em geral, são maus; ao menos fazem-se nenhuns actos e fala-se mais.

E o povo, que não conhece o shakesperiano «words, words», murmura apenas no seu encolher de ombros, negligente e clássico, que esta semana foi uma semana de férias e de paz na política.

14 DE JULHO

—

As nações aliadas consagraram êste dia, já celebrado na História da França, para festejar solenemente a Vitória na Grande Guerra. Portugal não podia alhear-se a essas expansões de férvido entusiasmo, de comunicativo e impressionante regosijo, recordando, entre o ridente flutuar das bandeiras e os sons marciais dos hinos pátrios, o seu quinhão de glória. Ele cumpriu à custa de tanto sacrifício—e isso quanto não vale?!—o dever de ir lutar e defender os Aliados, a par da França, da Bélgica, da Itália, nessa causa-comum por que se batiam desde a altiva ameaça alemã. Uma vez mais—e agora que o País se encontrava depauperado por tantas lutas internas!—os nossos soldados, os nossos irmãos partiram encorajados com aquela tradicional crença que nunca os abandonou, para êsses negros campos de combate, onde cada um tomando a sua espingarda como um estandarte, defendeu o torrão estranho como a casa de um leal amigo. Os louros que colhemos—se os colhemos—ignora-se ainda. Pena é que Portugal não fosse suficientemente rico para não carecer de indemnisações e não sofrer graves prejuizos com a colaboração na guerra, e antes poder altivamente dizer diante dos Conferentes da Paz:—Não carecemos de recompensas, estamos pagos com a Vitória!—Que belo que seria!... Enquanto a França libertava a sua querida Alsacia-Lorena, que em pezadelos entrevia desde 70, Portugal apenas teria esta desdenhosa resposta...

Mas tudo isto é um sonho e a realidade é que, de direito, nós conquistamos um lugar de honra ao lado dêsses que foram defender a Justiça e a Liberdade. Honra a Portugal!

CANÇÕES POPULARES

As cantigas populares transformaram a sua graça ingénua e peculiar numa inqualificavel pornografia coral. Ainda o outro dia, em S. Torcato, na Romaria Grande, tive ocasião de—com profundo desânimo!—apreciar esta culminante degenerescência social, traduzida em cantigas (se assim se lhes pode chamar!) duma desenfreada indecência, duma inultrapassavel obscenidade! A primitiva e tradicional simplicidade do «Vira», da «Caninha Verde» e «Malhão», fôra substituida por versos (?) prenhes de palavrões indecorosos, dêsse stais que fazem *subir o rubor ás faces*, numas melopeias *ad hoc*, sem harmonia e sem beleza. Grupos misturados de gente do campo e da cidade, pulavam em saltos de macaco, numa alegria avinhada e perversa, fazendo caretas lubecis, que denotavam uma funda estupidez. Os bailados eram estropiados pelo novo compasso das músicas, e a simples jovialidade dos gestos fôra substituida por tregeitos lascivos, que claramente indicavam a intenção dos dançarinos. Tudo isto era exibido com irreverente descaro, com provocante animalidade, impudicamente. Dizia me um amigo que me acompanhava, há tempos vindo de S. Tomé, que os batuques dos pretos eram mais delicados, mais cadentes e graciosos... Como veio esta abastardação nos costumes, a ponto de atingir o que ainda restava de inocente e rústico, mas cheio de graça portuguesa—a canção popular?! Donde a origem destas novas cantigas espalhadas por toda a parte, ouvidas a cada canto, num entôno ensurdecedor, eivadas de tôrpe desonestidade, cujas palavras se não podem reproduzir por demasiado imorais, mas que, desgraçadamente, escutamos dia a dia, momento a momento, desde as vielas escusas até ás ruas mais concorridas?! Não sei donde proveem, o vulgo é anónimo, mas suponho que elas só poderiam partir da alma dalgum fadista canalha, de cigarro ao canto da bôca, guitarra em punho, a tresandar a alcool... Inspiração tão réles não pode brotar senão dum sentimento pervertido. E' suja demais para nascer do meio do povo, dalgum poeta desconhecido e leigo, cujo coração vibrasse harmoniosamente ao som dum cavaquinho ou duma viola. Não é esta a canção popular portuguêsa, nem nunca foi esta a expressão musical dum povo nas suas horas fugazes de alegria, quando deixa o seu trabalho e a quietação do lar, e vai pelas estradas fóra, sempre rindo e cantando, para *andar caminho*, até estes encantadores arraiais minhotos, onde a devoção é quási pagã, e o Santo não passa de um prelexto para folgar, cantar e beber vinho!... Seria negar a civilisação se porventura tivessemos que aceitar este estado de coisas como a normalidade. Não pode ser!

Isto é um abôrto que a todo o custo é necessário amputar, e se não fôr bastante cortar-lhe os braços e as pernas, mate se! O que os nossos ouvidos não devem é ouvir estas obscenidades, nem os nossos olhos contemplar tamanhos vicios! E' urgente.

Que as Autoridades tomem conta do caso, ou então temos de emigrar...

Jerónimo de Almeida.

A'lerta, republicanos!

Da secção telegráfica do nosso presado colega «O Norte», do Pôrto, recortamos a seguinte notícia, que julgamos, por dever, inserir nas nossas colunas, visto tratar-se da defesa da República:

> **«Elementos monárquicos e dezembristas conspiram** — *O govêrno tem conhecimento e está de sobre-aviso.* Sabe se que elementos monárquicos e dezembristas conspiram para restabelecer o predominio dos individuos que aciouaram debaixo das ordens de Sidónio Pais e Tamagnini Barbosa.
>
> Conhecem certos planos e apontam-se nomes, porêm o govêrno está de sobre-aviso, tendo a seu lado todos os republicanos que não pactuam com o inimigo e em cuja memória conservam bem nítidas as horas amargas de Monsanto e a tragédia do Pôrto.»

Os republicanos de Guimarães, que no periodo dezembrista, sofreram os maiores vexames, duras provações e a prisão, com a sua fé republicana, estarão vigilantes para que não volvam ao país os tenebrosos dias do sidonismo.

MINIATURAS de "A Manhã,,

A DOR

Oiço os sábios falar da Dor, oiço os poetas, os filósofos, os novelistas, os tratadores da Vida. E sempre nêles a Dôr é profundo abismo, chaga imensa, dentro de cujo inferno o homem se debate impotente, inútil, farrapo. Batido pela Dor como fera esfaimada pelo chicote, o homem ruge. Nessa chaga, onde o punho do remorso ou do castigo cabe á vontade como gigantesco braço na bôca da cratera na montanha sangrenta, a Dor, ululante e dantesca, abre a bocarra, desgrenhada, fetídica, horrenda. Os filósofos fazem da Dor trovão, rugido, inferno. Os poetas cantam na lagrima, oceano, tempestade, uivo de desespero. Mentira! Menti a! Nenhum deles sofreu. Mentira! A Dor não chora, a Dor não ruge, não blasfema, não se confessa. Noite de luar tranquilo, imobilidade, passividade, eternidade—a Dor é feita de silencio. Nas horas caladas em que as existencias e á roda delas sucumbem no sôno, a Dor vela, mas porque se lhe ouve bater o sangue nas veias. Olha: caiu agora uma estrela, uma folha de árvore, um pássaro tonto, do ninho. Ouviste? Não. —Virgem que perdeu o noivo, mãe que perdeu o filho, amante que perdeu o amante... Ouves a Dor? Não. Nada, nada...—*N. de A.*

Obras da dissidência

O nosso amigo, sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, da Corredoura, veio declarar-nos que se abstinha de intervir nas eleições da Junta de freguesia de S. Torcato, apesar de insistentemente para isso ser instado pelos srs. dr. Francisco Moreira Sampaio, dr. Florêncio Lobo e José Pinheiro, aos quais declarou que, tendo sido sempre republicano, lhe repugnava ter de dar o seu e mais votos de que dispõe aos padres reacionários, e contribuir para o triunfo de uma lista composta de *genuinos e incorregiveis* monárquicos.

Todavia, sempre que a República perigue e careçado seu esfôrço, para a defender, não trepidará um momento sequer. Encontrá-lo-há sempre firme e decidido no cumprimento do seu dever de republicano intransigente que não abdica dos seus princípios.

«A Velha Guarda» regista, com prazer, a firmeza de convicções e a nobre rigidez de caracter do sr. José Gomes.

Pela imprensa

Entrou no 10.º ano da sua publicação o nosso presado colega «A Capital», brilhante diário republicano lisbonense.

Por tal motivo lhe endereçamos as nossas calorosas saudações com o desejo de uma longa vida.

O novo sexo

Bacon descobriu a polvora, Archimédes a alavanca e a pedra de toque, Pythagoras a taboada e o quadrado da hypothennsa, Franklin o pára-raios, Copernico o sistema planetário, Galileu o movimento terrestre, Cuvier a paleontologia, Newton a gravitação universal e o espectro solar, Harvey a circulação do sangue, Magendie a vivesecção dos animais, Kuelne a microscopia nervos e um proprietário dum casa de banhos, da França, acaba de reclamar patente de invenção, pela descoberta fenomenal dum novo sexo. O aludido proprietário dividiu os quartos de vestir pela forma seguinte:

Sexo feminino.
Sexo masculino.
Sexo eclesiastico.

Dos dois primeiros nada diremos. Temos, porêm, que definir êste último.

Na verdade, o clero não pode enfileirar se no resto da sociedade. O clero, pelo seu trajar e maneira de proceder, deve efectivamente formar uma raça especial, como os corvos, as vivoras, os macacos, as sanguesugas, etc. etc.

O padre veste saias, parece mulher, e diz-se todavia homem. Tem barba como o homem e usa a cara toda rapada para se assemelhar á mulher.

A opinião geral é que o padre é um homem; no entanto veste como a mulher, e até de alguns se tem afirmado usarem ligas nas meias, como elas.

O padre, pois, o sexo clerical, vive com a humanidade e não faz parte dela. Diz o que não sente e prega o que não faz. Para viver precisa mentir, aproxima-se da sociedade para junto dela exercer a sua hipócrita missão.

E' tudo isto o *sexo eclesiástico!*

No confessionário pretende aconselhar a mulher-mãe; mas êle não pertence ao sexo feminino para conhecer os deveres da esposa, da dona de casa. Não consta ainda que o *sexo clerical* tenha tido filhos para poder indicar quais os deveres da mãe.

Ao sexo masculino também pretende indicar o bom caminho de pai; o que, porêm, é fóra de dúvida, é que êle se diz homem, e traja como a mulher, confunde se com ela, e nunca constitui familia para que possa saber o que é ser pai.

Assim fica definido o *sexo eclesiástico!*

Um postal

O correio trouxe-nos o seguinte:

...Sr. Redactor de «A Velha Guarda»:

Na minha qualidade de assinante de «A Velha Guarda» venho rogar de V. (o que, de resto, certamente está no seu critério) a fineza de não responder ao *celebre* artigo da «Alvorada» intitulado NUNCA. A prosadores daquele jaez, cujo principal argumento é o *insulto baixo*, não deve responder se. Aquilo apenas demonstra falta de educação. E... quem sabe... afinal, se o seu autor não terá embofias de educador, de evangelisador?! Sim, porque V. decerto não conhece, como *ninguem conhece*, tal autor. Usará de gravata? Usará de cabeção? Usará de tudo isso e *mais alguma coisa*? Será monárquico? Será socialista? Será... não republicano é que não é. Naturalmente é um dos tais *«capazes de tudo» «pé na direita e outro na esquerda»* a quem «O Comércio de Guimarães» se refere no seu artigo *«E' o adéres»*, publicado em o n.º 3 319.

Deixe pois V. em paz e ás moscas o *celebre* NUNCA que *nunca* deveria ter aparecido á luz da publicidade, pelo menos por uma questão de decôro.

Desculpe V. o tempo que lhe tomei e creia me

Um assinante devotado.

A mulher e a criança explorada pelo clero

A mulher é conjuntamente com a creança a presa cubiçada, em torno da qual o padre, esse araquidio da igreja, arma a sua teia de invisíveis fios sedosos e subtis semelhantes àquêles que a aranha segréga, para enredar os pobres diptéros aos quais dá cáça.

Envolve-as na sua rêde por meio do histerismo religioso que alucinou Santa Tereza, por meio da moral amorosa e vaga em que se embebecia Madalena, pelo terror das punições eternas que apavorou Tereza Egipcia, e pela divinisação da castidade que levou o Catolicismo, em contradição consigo mesmo—êle que tinha feito do matrimónio um sacramento,—a promulgar o dogma da Conceição de Maria.

Cretinisada a mulher até ao ponto de querer ser esposa do Senhor, por uma substituição casuistica de Deus na pessoa do seu ministro, ela abraça, e aceita sem raciocinar, magnetisada e histerica, a posição de manceba de padre.

Já não é o matrimónio de que ela fugiu, como contrário á castidade, o matrimónio, pelo qual ela poderia orgulhar-se, perante a sociedade, de ser a esposa reconhecida e unica de um homem querido, é a posição falsa, precária, aviltante, ignominiosa, da manceba de serralho, da odalisca de clausura, em que ela nem sempre é a sultana favorita—mas frequentes vezes o bóde expiatório, a serva, o crpacho—escarrado de humilhações das rivais preferidas por êle,—por ela tam odiadas.

Porque as levam êles a este estado microcéfalico e doentio?...

Pelo confessionario.

Qual é o interêsse maximo que êles teem em captar tam estreitamente a mulher e a criança?...

Pela criança preparam o futuro, a seu favor; pela mulher ingerem se nos segredos da familia e da sociedade, e conduzem-na à doação de legados rendosos à igreja.

Como contraminar, pois, este rastilho perigoso que mina sob os nossos pés, como cortar ao polvo, dum só golpe, todos os seus tentáculos absorventes?

Proibindo a confissão auricular e legislando a anulação de bens móveis imóveis doados à igreja.

Libertemos a mulher.

Salvemos a criança.

Gomes Leal.

A Consagração da Paz

A Festa da Vitória

A cidade de Guimarães vai, condignamente, solenisar o dia 14 de Julho, considerado feriado nacional por lei, e que fica sendo consagrado como o da Festa da Paz e da Vitória.

E porque, muitos filhos desta nobre e altiva cidade, também heroica e valentemente se bateram em França, pelo triunfo do Direito, da Liberdade e da Civilisação e pela vitória da raça latina, justissimo é o preito de gratidão e aplauso que a sua honrada e laboriosa população vai festivamente prestar, amanhã, ao brioso e distinto regimento de infantaria 20, que tão brilhantemente honrou as suas nobres tradições nos campos de batalha da Flandres e nas plagas longinquas e inhóspitas da nossa Africa.

*

A convite do ex.mo sr. dr. Alfrêdo Fernandes, dignissimo vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, compareceram, ante-ontem, nos Paços do Concelho, os dignos comandantes do regimento de infantaria 20, da Guarda Nacional Republicana e dos Bombeiros Voluntários, Reitor do Liceu Central Martins Sarmento, Presidentes da Academia Vimaranense, Federação das Associações de Classe, Associação Comercial, representantes da imprensa local e diária e outras entidades sendo resolvido festejar o dia 14 de Julho da seguinte fórma:

De manhã alvorada anunciada por duas bandas de música e uma salva de foguetes.

Ao meio dia—Percorrerão as ruas da cidade as referidas bandas sendo queimadas novas salvas de foguetes.

A's 15 horas, no local do Proposto, será organisado um Cortejo Civico em que se encorporarão todas as Escolas Primárias da cidade, professorado, funcionários públicos, fabricas, a Corporação dos Bombeiros Voluntários, Associações de Classe etc., que percorrerá o seguinte itenerário:

Rua de Paio Galvão, P. de D. Afonso Henriques (Toural), lado norte, ruas 31 de Janeiro, 5 de Outubro, Largo Martins Sarmento (poente) até ao Quartel de infantaria 20 onde será feita uma manifestação àquele regimento, regressando pelo Largo Martins Sarmento, rua Elias Garcia, Largo da Oliveira, parando em frente ao edificio da Câmara, donde será pronunciado um discurso de apologia a Paz, seguindo depois pela rua da República, P. de D. Afonso Henriques (Toural) nascente, Largo Prior do Crato, rua de S. Damaso até ao Teatro D. Afonso Henriques onde se realisará uma brilhante sessão solene as 17 horas, sendo oradores os ex.mos srs. dr. Eduardo de Almeida, dr. Alfrêdo Dias Pinheiro, A. L. de Carvalho, Comandante do Regimento de Infantaria 20, Presidente da Câmara Municipal e presidente da Academia.

A's 21 horas haverá iluminação e concerto pela banda regimental no passeio público.

—Resolveu também oficiar ao ex.mo Presidente da Associação Comercial pedindo-lhe para solicitar o encerramento do comércio às 12 horas e ainda para que a população da cidade engalane e ilumine as fachadas dos seus prédios.

As importantes fabricas desta cidade, também cessarão a sua laboração a essa hora, para que o seu pessoal se possa associar às manifestações projectadas.

Roubo

Na madrugada de segunda-feira os gatunos entraram em casa do nosso amigo e correligionário, João Vasco Cardoso Guimarães, sita no lugar da Corredoura, freguesia de S. Torcato, levando dali dinheiro, roupas e calçado no valor de 260 escudos.

A policia investiga.

Novas estampilhas

Devem entrar brevemente em circulação o novo tipo de estampilhas, tanto para a metropole como para as colónias.

Sôpa Económica Vimaranense

Subscrição permanente

Transporte . . .	4.855$00
Elisio Teixeira de Carvalho	10$00
Dr. Artur da Costa e Sousa Pinto Bastos (mensal)	2$50
Anónimo, (subscritor dum porco de creação, para a compra do mesmo	22$00
Dr. Artor da Costa e Sousa Pinto Bastos (mensal)	2$50

Movimento hospitalar

Nota do movimento de doentes durante o mês de Junho no Hospital da Misericordia, desta cidade:

Doentes existentes em 31 de Maio: homens, 76; mulheres, 98.

Entrados durante o mês: homens, 104; mulheres, 109.

Saidos—curados: homens, 66; mulheres, 60; melhorados: homens, 21; mulheres, 30; no mesmo estado: homens, 6; mulheres, 12.

Falecidos: homens, 12; mulheres, 14.

Existentes no fim do mês: homens, 75; mulheres, 91.

Consultas no banco: homens, 67; mulheres, 110.

Curativos no banco: homens, 250; mulheres, 106.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 243.

Obituário

Na povoação das Taipas, deste concelho, faleceu, no dia 7 do corrente, o sr. Joaquim Rodrigues da Silva Crespo, de 23 anos, solteiro, estudante e cunhado do nosso amigo, sr. Abilio da Costa Menezes, negociante, daquela povoação.

A' familia enlutada os nossos pezames.

A grande romaria de S. Torcato

A despeito da chuva que amindadas vezes caiu nos dias de sabado e de domingo, a grande romaria de S. Torcato foi extraordináriamente concorrida de romeiros que aos milhares, atravessaram as ruas da cidade em estridulos cantares, molhados até á medula, levados por um puro sentimento de piedade e pela crença do milagre do grande santo cuja insigne reliquia se venera no magestoso Santuário, que se ergue num dos mais belos subúrbios de Guimarães.

Pela estrada, que conduz à romaria, visto os meios de transporte atingirem preços exorbitantes, os romeiros, na sua maioria, caminhavam a pé patinando lama, a *trouxe mouxe*, a êsmo, ao estricóte, sempre alegres, cantarolando as canções das suas terras, as mais belas, as mais formosas, as mais inspiradas e ardentes, as mais amorosamente expressivas que nos foi dado escutar.

Por efeitos do mau tempo não se realisou a procissão.

O rendimento das esmolas, nos dois dias da romaria, foi de 8.187$10, incluindo 93 libras e meia e 20 moedas de 5 escudos em ouro. A cêra de promessas pesou 118 quilos.

A ordem não foi alterada.

Desastre

O sr. Alvaro Lima, empregado comercial, da casa do nosso amigo sr. João Garcia de Almeida Guimarães, foi vítima de um desastre no dia 8 do corrente. Estando para deitar um vidro de 1,m30, numa portada da casa comercial do sr. Bernardino Gonçalves Barroso, o qual era segurado por um trolha, este partiu no momento em que o Alvaro subia uma escada de abrir, ferindo-o gravemente na cabeça.

Deu entrada no Hospital da Misericórdia, indo em via de restabelecimento.

Carteira

Vimos nesta cidade o sr. dr. António Augusto de Castro Meireles, antigo deputado católico e distinto advogado nos auditórios da cidade do Porto.

*

Tambem vimos nesta cidade os srs. António Miranda, digno professor do Externato Académico, de Felgueiras, e Isaias Teixeira da Costa, conceituado negociante desta vila.

*

Já regressou de Lisboa o nosso ilustre amigo e correligionário sr. Mariano da Rocha Felgueiras, digno presidente da C. A. da Câmara Municipal deste concelho.

Banco de Seguros

CAPITAL 3000 CONTOS

Rua da Vitória, 75—Lisbôa

Efectua seguros contra todos os riscos, incluindo greves, assaltos e acidentes de trabalho.

Agencia em Guimarães

Casa Moutinho

Praça Dom Afonso Henriques, 78 a 82

ADELINO LEITE DE FARIA

compra, por altos preços, faianças antigas, sêdas, damascos, gravuras, joias, etc. etc,

R. Elias Garcia (antiga de Santa Maria, 55-GUIMARÃES